

As dificuldades dos aliados de Collor

por João Alexandre Lombardo
de Brasília

As insatisfações da bancada do PFL e do bloco governista foram o principal assunto de um almoço que reuniu, no Palácio do Planalto, na última sexta-feira, o presidente Fernando Collor e os líderes Ricardo Fiúza (PFL-PE) e Marco Maciel (PFL-PE). Collor ouviu dos parlamentares um desabafo sobre as dificuldades para se conduzir os assuntos de interesse do governo com uma base de sustentação que não chega a 40% do Congresso, e ponderações sobre a necessidade de trocar idéias em torno de medidas polêmicas e de uma maior abertura de ministros e secretários no trato com os parlamentares.

"Na terça-feira cheguei a um ponto de esgotamento", afirmou o líder Ricardo Fiúza. Naquele dia, ele começou uma conversa com o presidente, que terminou no almoço de sexta-feira. "Na terça eu não estava disposto a continuar chegando às 9 horas, no Congresso, e saindo à 1 hora da madrugada discutindo coisas do Executivo, se do outro lado não tínhamos a contrapartida", disse o líder, depois do almoço. "Se o rei é republicano, por que vou ser monarquista?", perguntou.

A conversa com o presidente, no entanto, foi produtiva, segundo Fiúza. "Graças a Deus, vi que o rei é monarquista", constatou o líder. Ele disse ter deixado a sede do governo certo de que o relacionamento Executivo x Legislativo será, "senão a prioridade do Executivo, uma das prioridades" de agora em diante.

Ricardo Fiúza elogiou o esforço do coordenador político do governo, ministro Jarbas Passarinho, mas disse que esse esforço "tem de ser harmônico". Ele falou com o presidente sobre as dificuldades para se encaminhar as negociações em torno das medidas do governo, primeiro pela falta de uma base parlamentar sólida, segundo pela falta de acesso às informações e dados do Executivo, que municiariam as lideranças de informações na hora de negociar com os partidos.

Segundo o líder do governo no Senado, Marco Maciel, a base de sustentação do governo no Congresso não chega a 40%; tanto na

Câmara quanto no Senado. "Com isso, cada votação exige um esforço muito grande", declarou. Ele acha que, apesar de já terem sido constatadas melhoras no relacionamento governo x Congresso, com

a redução na edição de medidas provisórias, por exemplo, é preciso avançar nesse processo. "Ainda trabalhamos num sistema precário", desabafou. "E, por isso, não podemos levar muitas boas notícias ao

presidente." Maciel também disse ter saído do Planalto com a impressão de que serão tomadas providências para melhorar esse quadro. Não adiantou, porém, quais.

Fiúza afirmou que as

promessas anteriores de melhorar os contatos do bloco com o governo não deslancharam, segundo a Agência Brasil. Depois, acrescentou: "Tem muito mais informação, só que não vou contar".